

3

Consumos Recreativos e (In)Segurança Rodoviária

OLGA CUNHA, RUI ABRUNHOSA GONÇALVES

Artigo recebido em 13/03/2009; versão final aceite em 03/06/2009.

RESUMO

Neste estudo procedeu-se à aplicação de um inquérito sobre consumos recreativos e segurança rodoviária a uma amostra de 200 estudantes universitários, comparando-se posteriormente os resultados obtidos de um amostra de 282 sujeitos recolhida entre a população frequentadora de bares e discotecas localizadas em Braga. Os resultados obtidos indicam que os sujeitos da amostra de frequentadores de bares e discotecas recorrem com mais frequência ao consumo de substâncias e, dentre estes, os homens mais do que as mulheres. Da mesma forma, e segundo essa mesma ordem, estes sujeitos conduzem com mais frequência sob o efeito de substâncias. Implicações destes resultados para as campanhas de segurança rodoviária são, por fim, discutidas.

Palavras-chave: Consumos recreativos; Abuso de substâncias; Segurança rodoviária.

RÉSUMÉ

Dans cette étude on a procédé à l'application d'une enquête sur les consommations récréatives et sécurité routière à un échantillon de 200 étudiants universitaires comparé postérieurement aux résultats obtenus sur un échantillon de 282 sujets qui fréquentaient régulièrement des bars et discothèques localisés en Braga. Les résultats obtenus indiquent que les sujets de l'échantillon qui fréquentent les lieux nocturnes recourent plus fréquemment à la consommation de substances et que d'entre eux sont plutôt les hommes qui le font par rapport aux femmes. De la même façon, se sont ceux qui conduisent plus fréquemment sous l'effet de substances. Des implications pour les campagnes de sécurité routière sont, a la fin, discutées.

Mots-clé: Consommations récréatives; Abus de substances; Sécurité routière.

ABSTRACT

In this study we've carried out a comparative application of an inquiry about recreational use of substances and road traffic security in a sample of 200 university students and a sample of 282 subjects randomly assembled among the population that are regular clients of pubs and discos located in Braga. The results indicate that the pubs and discos' clients are more frequently substance consumers and among these males consume more frequently than females. In the same way, these individuals drive more frequently under substance effects. Implications for road traffic security campaigns are finally addressed.

Key Words: Recreational use of substances; Substance abuse; Road traffic security.

1 – INTRODUÇÃO

O consumo de drogas apresenta-se como um tema social complexo, exigindo cada vez mais a atenção de cidadãos, instituições públicas e forças políticas. Negreiros (1998, 1999) afirma que o consumo de substâncias representa um fenómeno social inquietante no nosso país, uma vez que só é possível prevenir de forma eficaz se forem conhecidos os contextos (Melo, 2000), as razões e os factores que estão na origem, directa ou indirecta, do problema (Mendes, 2000).

Nos últimos anos, o consumo de drogas na população juvenil suscitou uma crescente preocupação, sendo mesmo concebido como um dos grandes problemas sociais da actualidade. Os consumos juvenis não se apresentam apenas como um problema de saúde e, por isso, não surgem isolados de outros comportamentos de risco (e.g., Lomba, Apostolo, Loureiro, Graveto, Silva & Mendes, 2008; Matos, Carvalhosa, Reis & Dias, 2001; Mendes & Lopes, 2007). Na realidade, cada tempo e contexto têm as suas drogas, e o uso destas substâncias inscreve-se num percurso histórico, apresentando origens civilizacionais que fazem parte integrante da cultura dos povos. Porém, cada vez mais, os estudos demonstram a associação do consumo de substâncias a outros factores de risco, nomeadamente o envolvimento em actividades criminosas (e.g., Farrington, 2004; Farrington & West, 1990; West, 1982).

Os consumos na juventude adoptam padrões e tipologias próprias. Assim, verifica-se uma maior concentração aos fins-de-semana, fora de casa, em contextos de tempos livres e momentos de diversão (Silva, 2005). Vários são os motivos apontados em diversos estudos para o consumo de substâncias, entre os quais se destacam a busca de novas sensações, a procura de diversão, a pressão dos pares, o desejo de testar limites, a fuga aos problemas, a redução do *stress* e a desinibição (Macfarlane, Cordeiro, Macfarlane & Robson, 1997; Negreiros, 1991; Silva, 2005).

Na sequência de consumos abusivos podem ocorrer acidentes de viação. Vários estudos referem que os jovens parecem subestimar os riscos potenciais associados à condução sob o efeito do álcool (Ferreira, 2003, *cit. por* Silva, 2005). Tal é explanado num estudo

de Greenfield e Rogers (1999, *cit. por* Silva, 2005) onde se concluiu que os sujeitos mais jovens admitiam conduzir após o consumo de bebidas alcoólicas. Por outro lado, nas estradas portuguesas parece assistir-se a uma "*cultura da impunidade e violência rodoviária*" (Graça & Ramos, 2001, p. 4), sendo a prática da condução rodoviária em Portugal marcada por uma colectiva e generalizada interiorização da impunidade, factor que pode explicar o elevado número de mortos e feridos graves nas estradas. Este sentimento de impunidade não é mais do que a gestão de um conhecimento colectivamente partilhado pelos condutores portugueses de que a prática de manobras perigosas, de excesso de velocidade e de toda uma variedade de comportamentos agressivos apenas é fiscalizada e sancionada esporadicamente. Paralelamente, é também partilhada a ideia de que a condenação jurídica da prática de infracções e crimes relacionados com o meio rodoviário é irrelevante (cf., Graça & Ramos, 2001).

O objectivo do presente trabalho é alertar para os riscos da condução sob o efeito do álcool, mediante a comparação de dados obtidos num estudo sobre a relação entre o consumo de substâncias psicoactivas e a segurança rodoviária, efectuado numa amostra de estudantes do ensino superior, com os resultados obtidos com uma amostra de sujeitos frequentadores de bares e discotecas.

2 – PROCEDIMENTO

Para a recolha de dados, utilizou-se um questionário de auto-preenchimento, denominado "*Consumos Recreativos e Segurança Rodoviária*", desenvolvido pelos autores a partir da literatura existente (e.g. Negreiros, 1999; Melo, 2000) e de estudos anteriores (e.g. Mourão & Torgal, 1999, 2001; Balsa *et al.*, 2001; Fonte, 2003; Silva, 2005) com o objectivo de conhecer a prevalência e frequência dos consumos e avaliar as práticas de condução entre a população jovem. O questionário inclui questões demográficas, frequência de consumos de álcool e estupefacientes, motivos para o consumo, condução sob o efeito do álcool, incumprimento dos limites de velocidade e motivos para o não cumprimento. Numa primeira fase, os

sujeitos foram questionados sobre o consumo de substâncias em geral e, posteriormente, uma vez que as questões rodoviárias incidem especificamente sobre os consumos de álcool, as questões direccionaram-se para o consumo e a condução sob o efeito do álcool. O instrumento foi aplicado sob anonimato em dois momentos distintos. Numa primeira fase foi aplicado a alunos universitários e, numa segunda fase, a sujeitos frequentadores de locais de diversão nocturna.

3 – AMOSTRA

A amostra é constituída por 482 indivíduos, sendo que 200 são estudantes universitários e 282 são frequentadores de bares e discotecas. A média de idades do grupo dos estudantes universitários é de 21,28 anos ($dp = 3,81$), variando entre um mínimo de 18 e um máximo de 45 anos. Por sua vez, o grupo dos frequentadores de bares e discotecas apresenta uma média de idades de 25,44 anos ($dp = 5,97$), e varia entre um mínimo de 16 e um máximo de 51 anos. A amostra dos estudantes universitários é constituída por 114 elementos do sexo feminino (57%) e 86 elementos do sexo masculino (43%), enquanto que a amostra dos frequentadores de bares e discotecas conta com 63 sujeitos do sexo feminino (22,3%) e 219 sujeitos do sexo masculino (77,7%). No total, a amostra é constituída por 177 elementos do sexo feminino e 305 do sexo masculino.

3.1 – Análise dos resultados

No que respeita ao consumo de substâncias em geral, em ambas as amostras, encontramos que mais de 50% dos sujeitos inquiridos afirma recorrer "algumas vezes" ao consumo de substâncias (cf. Quadro 1). Na amostra de estudantes, verifica-se uma associação significativa entre os consumos e o sexo dos participantes ($\chi^2(3) = 9,609$, $p = .022$). De facto, são os sujeitos do sexo masculino que consomem substâncias com mais frequência ($Z = -3,04$, $p < .01$). Também se verifica uma correlação negativa significativa entre a idade e o consumo de substâncias ($\rho = -.220$, $p < .01$), sendo os sujeitos mais jovens que recorrem com mais frequência ao consumo de substâncias.

De igual forma, encontramos um efeito significativo da

variável idade ($\chi^2(2) = 9,98$, $p < .01$). Nos testes Mann Whitney com correcção de Bonferroni, verificamos que os participantes mais jovens recorrem com mais frequência ao consumo de substâncias. Na amostra de frequentadores de bares e discotecas, encontramos uma associação significativa entre o sexo e o consumo de substâncias ($\chi^2(3) = 36,71$, $p < .001$), sendo os sujeitos do sexo masculino que consomem substâncias com mais frequência ($Z = -5,037$, $p < .001$). Em relação à variável idade, não se verificou uma correlação significativa ($\rho = -.041$, NS) nesta amostra.

QUADRO 1 – Distribuição das amostras em função da frequência do consumo de substâncias.

Frequência com que recorre ao consumo de substâncias		
Frequência	Amostra de estudantes universitários (N = 200)	Amostra de frequentadores de bares e discotecas (N = 282)
Nunca	31,5% (N = 63)	7,1% (N = 20)
Algumas vezes	50,5% (N = 101)	55,7% (N = 157)
Bastantes vezes	9% (N = 18)	16% (N = 45)
Muitas vezes	9% (N = 18)	21,3% (N = 60)

Em relação ao tipo de substâncias consumidas, verificamos que, em ambas as amostras, as bebidas alcólicas (60% e 86,2%, para os estudantes e frequentadores de bares e discotecas, respectivamente) são as mais consumidas (cf. Quadro 2). Na amostra de estudantes universitários, verificou-se, ainda, uma relação significativa entre o sexo e o tipo de substância consumida ($\chi^2(2) = 9,056$, $p < .05$), sendo estas consumidas preferencialmente por sujeitos do sexo masculino. Contudo, não encontramos uma associação significativa entre a idade e o tipo de substância consumida ($\chi^2(4) = 3,64$, NS). Também na amostra de frequentadores de bares e discotecas, há uma associação significativa entre o sexo dos sujeitos e o consumo de substâncias ($\chi^2(1) = 3,44$, $p < .05$), apontando no sentido de que as mulheres consomem menos substâncias que os homens. Contudo, não encontramos um efeito significativo da variável sexo ($Z = -1,85$, NS). No que concerne à variável idade também não foram observadas diferenças significativas entre os grupos etários ($\chi^2(3) = 7,01$, NS).

QUADRO 2 – Distribuição das amostras em função das substâncias consumidas.

Frequência	Substâncias consumidas	
	Amostra de estudantes universitários (N = 200)	Amostra de frequentadores de bares e discotecas (N = 282)
Bebidas alcoólicas	60% (N = 120)	86,2% (N = 243)
Estupefacientes	1% (N = 2)	-
Bebidas alcoólicas e estupefacientes	8% (N = 16)	8,1% (N = 23)
Sem consumo	31% (N = 63)	5,7% (N = 16)

Os motivos mais apontados para o consumo de substâncias, em ambas as amostras, foram a desinibição (19,5% para os estudantes), o alívio do *stress* (16,5%

para os estudantes), a descontração (20,5% para os estudantes), o sentir-se bem (25% e 18,1% para os estudantes e para os frequentadores de bares e discotecas, respectivamente) e a diversão (58,2% para os frequentadores de bares e discotecas) (cf. Quadro 3). Quer na amostra de estudantes universitários, quer na amostra de frequentadores de bares e discotecas, não foi encontrada uma relação entre o sexo e os motivos para o consumo de substâncias, com excepção do "estabelecer contactos com o sexo oposto", sendo este motivo quase exclusivamente apontado por indivíduos do sexo masculino. No que respeita à idade, também não foram encontradas associações entre esta variável e as motivações para o consumo de substâncias.

QUADRO 3 – Distribuição das amostras em função dos motivos para o consumo de substâncias.

Motivos	Motivos para o consumo de substâncias	
	Amostra de estudantes universitários	Amostra de frequentadores de bares e discotecas
Pressão dos colegas	5,5% (N = 11)	2,1% (N = 6)
Desinibição	19,5% (N = 39)	-
Estabelecer contactos com o sexo oposto	7,5% (N = 15)	4,3% (N = 12)
Testar limites	3% (N = 6)	2,5% (N = 7)
Busca de novas sensações	8,5% (N = 17)	2,5% (N = 7)
Fugir dos problemas	3% (N = 6)	-
Aceitação social	3% (N = 6)	-
Alívio do <i>stress</i>	16,5% (N = 33)	-
Descontração	20,5% (N = 81)	-
Estabelecer interacções	7,5% (N = 15)	-
Sentir-se bem	25% (N = 50)	18,1% (N = 51)
Diversão	-	58,2% (N = 164)

No que respeita à condução sob o efeito de substâncias, encontramos que mais de 40% dos estudantes afirma "nunca" conduzir sob o efeito de substâncias enquanto que 20% refere fazê-lo "algumas vezes". Por sua vez, na amostra dos frequentadores de bares e discotecas, 24,5% refere "nunca" conduzir sob o efeito de substâncias e 46,1% afirma conduzir "algumas vezes" sob o efeito de substâncias (cf. Quadro 4).

Na amostra de estudantes universitários não encontramos uma associação entre o sexo e a condução sob

o efeito de substâncias ($\chi^2(3) = 3,281$, NS). Contudo, foram encontradas diferenças significativas na amostra de frequentadores de bares e discotecas ($\chi^2(3) = 37,31$, $p < .001$), sendo que são os sujeitos do sexo masculino que conduzem com mais frequência sob o efeito de substâncias. De facto, verifica-se um efeito significativo da variável sexo ($Z = -5,65$, $p < .001$). Tal pode explicar as diferenças entre as duas amostras, visto que a amostra de frequentadores de bares é maioritariamente constituída por elementos do sexo masculino, enquanto

que a amostra de estudantes universitários é composta por mais elementos femininos.

Na amostra de estudantes verifica-se uma associação significativa entre a idade e a condução sob o efeito de substâncias ($rho = .252, p < .005$). De facto, há um efeito significativo da idade ($\chi^2 (2) = 12,096, p < .01$), sendo que, nos testes Mann Whitney com correcção de Bonferroni, são os participantes mais velhos que o fazem com mais frequência. Também na amostra de frequentadores de bares e discotecas, encontramos uma associação significativa entre a idade e a condução sob o efeito de substâncias ($rho = .167, p < .01$). Assim, os sujeitos mais velhos conduzem com mais frequência sob o efeito de substâncias, verificando-se um efeito significativo da variável idade ($\chi^2 (3) = 14,93, p < .01$). Tal também pode explicar as diferenças entre as amostras, uma vez que, em média, os sujeitos da amostra de frequentadores de bares e discotecas são mais velhos. Adicionalmente, uma boa percentagem de estudantes universitários (46,1%) não possui carro próprio.

QUADRO 4 – Distribuição das amostras em função da frequência da condução sob o efeito de substâncias.

Frequência da condução sob o efeito de substâncias		
Frequência	Amostra de estudantes universitários (N = 138)	Amostra de frequentadores de bares e discotecas (N = 259)
Nunca	44% (N = 88)	24,5% (N = 69)
Algumas vezes	20% (N = 40)	46,1% (N = 130)
Bastantes vezes	1% (N = 2)	6,4% (N = 18)
Muitas vezes	4% (N = 8)	14,9% (N = 42)

No que respeita à frequência com que os sujeitos infringem os limites de velocidade, encontramos que a grande maioria dos sujeitos (mais de 40%) infringe "algumas vezes" (cf. Quadro 5). Verificam-se diferenças entre as duas amostras, sendo que os sujeitos da amostra de frequentadores de bares e discotecas infringem os limites de velocidade com mais frequência. Na amostra de estudantes universitários, não encontramos uma associação significativa entre o sexo dos participantes e a infracção dos limites de velocidade ($\chi^2 (3) = 3,665, NS$). Por sua vez, na

amostra de frequentadores de bares e discotecas encontramos uma associação significativa entre estas duas variáveis ($\chi^2 (3) = 25,229, p < .001$), apontando no sentido de que são os homens que infringem com mais frequência os limites de velocidade. De facto, verifica-se um efeito significativo do sexo dos participantes ($Z = -4,25, p < .001$). No que respeita à variável idade, não encontramos uma associação significativa, quer na amostra de estudantes universitários ($rho = .070, NS$) quer na amostra de frequentadores de bares e discotecas ($rho = -.046, NS$).

QUADRO 5 – Distribuição das amostras em função da frequência com que infringem os limites de velocidade.

Frequência com que infringem os limites de velocidade		
Frequência	Amostra de estudantes universitários (N = 188)	Amostra de frequentadores de bares e discotecas (N = 267)
Nunca	15,5% (N = 31)	18,1% (N = 51)
Algumas vezes	46,5% (N = 93)	44% (N = 124)
Bastantes vezes	19,5% (N = 39)	13,5% (N = 38)
Muitas vezes	12,5% (N = 25)	19,1% (N = 54)

No que concerne aos motivos para o incumprimento dos limites de velocidade verificamos a cilindrada do carro (16,5% e 12,1%, para os estudantes e frequentadores de bares e discotecas, respectivamente), os limites de velocidade inadequados (38,5% e 35,1% para os estudantes e frequentadores de bares e discotecas, respectivamente) e a pressão do tempo (51,5% e 31,9% para os estudantes e frequentadores de bares, respectivamente) como aqueles que mais sujeitos apontam em ambas as amostras (cf. Quadro 6). De ressaltar que o "testar limites" ($\chi^2 (1) = 5,079, p < .05$) e a "cilindrada do carro" ($\chi^2 (1) = 8,504, p < .005$), associados à velocidade, são mais frequentemente encontrados em sujeitos do sexo masculino. Por sua vez, a "pressão do tempo" é apontada maioritariamente por sujeitos mais velhos ($\chi^2 (2) = 7,039, p < .05$).

QUADRO 6 – Distribuição das amostras em função dos motivos para o não cumprimento dos limites de velocidade.

Motivos para o não cumprimento dos limites de velocidade		
Motivos	Amostra de estudantes universitários	Amostra de frequentadores de bares e discotecas
Cilindrada do carro	16,5% (N = 33)	12,1% (N = 34)
Limites de velocidade inadequados	38,5% (N = 77)	35,1% (N = 99)
Pressão dos colegas	2% (N = 4)	1,4% (N = 4)
Impressionar	4,5% (N = 9)	0,7% (N = 2)
Testar limites	6% (N = 12)	-
Desafiar a autoridade	4% (N = 8)	1,8% (N = 5)
Busca de novas sensações	5% (N = 10)	5,3% (N = 15)
Pressão do tempo	51,5% (N = 103)	31,9% (N = 90)

4 – DISCUSSÃO

No estudo efectuado verificou-se que o consumo de álcool e drogas, quer na amostra de estudantes, quer na amostra de frequentadores de bares e discotecas, se encontra relacionado com os contextos nocturnos e de diversão. Os motivos mais destacados para o consumo de substâncias são, à semelhança daquilo que outros autores encontraram, a procura de prazer, diversão e desconstracção (e.g., Macfarlane, Cordeiro, Macfarlane & Robson, 1997; Negreiros, 1991; Silva, 2005).

Os dados do estudo são congruentes com dados obtidos a nível nacional, quer no que respeita aos consumos da população portuguesa em geral (Balsa, *et al.*, 2001; Matos & Carvalhosa, 2003), quer no que diz respeito aos consumos da população universitária (Mourão & Torgal, 1999, 2001; Negreiros, 2001a,b; Fonte, 2003). São os indivíduos do sexo masculino que mencionam consumir com mais frequência, quer bebidas alcoólicas quer estupefacientes, ainda que tal efeito se verifique de forma mais clara nos rapazes frequentadores de locais de diversão por oposto aos estudantes. De salientar que nos estudos que foram feitos a nível nacional se constata que os consumos de drogas são, na generalidade, superiores nos homens do que nas mulheres (Balsa *et al.*, 2001; Feijão & Lavado, 2001, 2004; Negreiros, 2001a,b; Mourão & Torgal, 2001), facto que também se verifica no nosso estudo.

De igual forma, também encontramos que os sujeitos de ambas as amostras desrespeitam os limites de velocidade, sendo que são os homens que o fazem mais frequentemente. Assim, de facto, parece viver-se um desrespeito pelas regras éticas e jurídicas, assistindo-se a uma falta de prudência na condução

(Graça & Ramos, 2001). A prática social da condução rodoviária em Portugal é marcada por uma colectiva e generalizada interiorização da impunidade (Graça & Ramos, 2001), onde a condução sob o efeito do álcool e drogas e os excessos de velocidade têm lugar com muita frequência. No entanto, os jovens universitários, quando comparados com os frequentadores habituais de bares e discotecas, ao afirmarem que consomem substâncias e conduzem sob o efeito das mesmas com menor frequência, parecem ser indivíduos mais responsáveis, pelo que o factor educação/instrução pode ser um elemento protector no que respeita ao envolvimento em comportamentos de risco. Acrescente-se, igualmente, que o facto de serem em média mais novos quatro anos, poderia abonar em função de uma maior imaturidade psicológica e, nesse sentido, uma maior tendência para correr riscos. Contudo, não parece ser esse o caso, ainda que não se tenha efectuado nenhuma avaliação específica desta dimensão em qualquer um dos grupos.

Os níveis das componentes de predisposição anti-social são também diferentes em homens e mulheres (Rher & Waldman, 2002; Rowe, Vazsonyi & Flannery, 1995, *cit. por* Lahey & Waldman, 2004). A partir dos 4 anos, sensivelmente, os rapazes envolvem-se mais facilmente em problemas de comportamento do que as raparigas (Tremblay *et al.*, 1996; Lahey *et al.*, 2000; Moffit *et al.*, 2001; Lahey & Waldman, 2004). Por outro lado, os rapazes têm uma maior tendência para externalizar os seus comportamentos, enquanto que as raparigas têm uma maior tendência para os internalizar (Rutter *et al.*, 2004), o que poderá explicar a maior propensão nos homens para consumir substâncias em idades

precoces (Silva, 2005). Outros autores defendem que os rapazes apresentam um atraso significativo em termos do desenvolvimento médio da linguagem nos primeiros anos (Sanson, Smart, Prior, & Oberklaid, 1993, *cit. por* Lahey & Waldman, 2004), o que faz com que as raparigas sejam mais facilmente socializáveis (Keenan & Shaw, 1997, Lahey & Waldman, 2004). Estas mostram ainda, e desde cedo, níveis mais elevados de empatia e de culpa/remorso do que os rapazes (Keenan & Shaw, 1997, Lahey & Waldman, 2004), que constituem factores protectores em relação a posteriores envolvimento em comportamentos de risco mais problemáticos.

O consumo de substâncias associa-se a comportamentos e atitudes anti-sociais (e.g., Fonseca, 2004). No Estudo de Desenvolvimento da Delinquência de Cambridge (Farrington, 2004; Farrington & West, 1990; West, 1982) verificou-se que o comportamento precoce dos sujeitos, como o alcoolismo ou o consumo de drogas, podia prever a delinquência mais tarde, uma vez que ambos medeiam a personalidade anti-social subjacente. Do mesmo modo, aos 18 anos, observou-se que os delinquentes condenados bebiam mais, embriagavam-se com mais frequência e referiam que a bebida os tornava mais agressivos e violentos. Estes tinham também maiores probabilidades de ser condenados por delitos menores, como conduzir sob o efeito do álcool ou ficarem feridos em acidentes rodoviários ou de ter consumido outras drogas. Apesar da maioria dos tipos de crimes diminuir com a idade, aos 32 anos, o abuso do álcool em festas, a condução sob o efeito do álcool e o consumo de "drogas duras" (cocaína e heroína) aumentaram (e.g., Farrington, 2004).

Outros estudos também relacionam o consumo de substâncias com a existência de comportamentos violentos, quer se trate da violência conjugal ou da anti-socialidade em geral (e.g. Gonçalves, 2008; Matos, 2003). Assim, cerca de 60% das mulheres maltratadas referem que os ofensores bebem em excesso e em pelo menos um episódio violento estavam intoxicados e em mais de 80% dos casos de violência doméstica que resultaram em homicídios os maltratantes estavam embriagados (Matos, 2003). Do mesmo modo, Logan, Walker e Leukfeld (2001) verificam uma forte prevalência de histórias de violência conjugal em sujeitos presos por crimes relacionados com o consumo de substâncias.

Tal, não significa que o álcool esteja directamente relacionado com a violência, porém, a violência tende a ser mais frequente e séria quando os sujeitos estão sob o efeito do álcool (Browne, 1987; Walker, 1984, *cit. por* Matos, 2003). De igual forma, o consumo de cocaína, *crack*, anfetaminas e heroína também está associado a um aumento da violência (Matos, 2003).

5 – CONCLUSÃO

Os resultados obtidos neste estudo possibilitam um conhecimento factual da realidade juvenil no que respeita a consumos abusivos e condução sob o efeito de substâncias, reforçando evidências anteriores que apontam para a associação do consumo a outros factores de risco, como é, por exemplo, o envolvimento em comportamentos sexuais de risco (e.g., Lomba *et al.*, 2008). Neste sentido, conhecendo os contextos (Melo, 2000), as razões e os factores que estão na origem, directa ou indirecta, do problema (Mendes, 2000) podemos prevenir de forma eficaz os consumos abusivos e os comportamentos de risco na estrada. Assim, torna-se claro que eventuais campanhas de sensibilização sobre a problemática dos consumos abusivos associados a uma condução inconsciente, onde os riscos são subestimados, devem abranger essencialmente um público jovem e do sexo masculino, nos contextos por eles frequentados, em especial aqueles onde podem ocorrer excessos e consequentes comportamentos de risco. Contudo, é importante chamar atenção para o facto das conclusões obtidas estarem limitadas à menor especificidade da amostra no que toca aos grupos etários considerados e à representatividade de género dos participantes. Mesmo assim, os resultados no que toca ao padrão de consumos são em muito semelhantes a estudos de carácter epidemiológico já conduzidos entre nós (e.g., Feijão & Lavado, 2001, 2004; Matos *et al.*, 2001).

Parece-nos ser fulcral incidir sobre o risco associado a consumos irresponsáveis e comportamentos inconscientes, e tornar evidente que a taxa de alcoolemia não é um produto linear do tipo de substância consumida e do grau em que é consumida, mas antes parte de um todo onde intervêm, entre outros, factores como a massa corporal, a idade e sexo dos indivíduos e o contexto de consumo. São estes factores que devem ser tidos em

consideração aquando do consumo de qualquer tipo de substância, uma vez que o abuso de substâncias por si só pode não se constituir como um factor de risco mas quando associado a outros comportamentos, como a condução sob o seu efeito, pode constituir-se como um factor de vulnerabilidade para a ocorrência de acidentes graves e que podem colocar em risco a vida dos jovens.

CONTACTOS:

OLGA CUNHA

Psicóloga.

E-mail: olgacunha27@hotmail.com.

RUI ABRUNHOSA GONÇALVES

Professor Associado com Agregação do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

E-mail: rabrunhosa@iep.uminho.p

NOTA:

1 – Para ter acesso ao instrumento utilizado é favor contactar o primeiro autor do artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Balsa, C. et al. (2001). *Inquérito nacional ao consumo de substâncias psicoactivas na população portuguesa*. Lisboa: CEOS, Investigações Sociológicas, FCSH, UNL.
- Farrington, D. P. (2004). O estudo de desenvolvimento da delinquência de Cambridge: principais resultados dos primeiros 40 anos. In Fonseca, A. C. (Ed.), *Comportamento anti-social e crime: da infância à idade adulta* (pp. 73-132). Coimbra: Almedina.
- Farrington, D. P. & West, D. J. (1990). The Cambridge study in delinquent development: A long-term follow-up of 411 london males. In H. J. Kerner and C. Kaiser (Eds.), *Criminality: Personality, behavior and life history* (pp. 115-138). Berlin Heidelberg: Springer-Verlag.
- Feijão, F. & Lavado, E. (2001). *Inquérito nacional em meio escolar sobre o consumo de substâncias psicoactivas. Relatório anual – a situação do país em matéria de drogas e toxicodependências*. Lisboa: IPDT.
- Feijão, F. & Lavado, E. (2004). Evolução do consumo de drogas na adolescência – ruptura ou continuidade? *Toxicodependências*, 10 (3), 31-47.
- Fonseca, A. C. (2004). Diferenças individuais no desenvolvimento do comportamento anti-social: o contributo dos estudos longitudinais. In Fonseca, A. C. (Ed.), *Comportamento anti-social e crime: da infância à idade adulta* (pp. 413-461). Coimbra: Almedina.
- Fonte, C. (2003). *Consumos de álcool e drogas ilícitas em estudantes da Universidade do Minho: da estatística à construção narrativa de significados*. Porto: Centro de Ciências do Comportamento Desviantes.
- Graça, J. M. & Ramos, M. J. (2001). A Insegurança Rodoviária e a Gestão da Impunidade. In E. M. Neves, F. G. Pinto, & L. T. Quaresma (Coords.), *Actas do I Congresso Português: Estrada 2000 – A Qualidade Rodoviária na Viragem do Século*, vol. 3. Lisboa: Congresso Rodoviário Português. Acedido em www.aca-m.org/documentos/publicacoes/inseguranca_rodoviaria_e_gestao_da_impunidade//.pdf
- Gonçalves, R. A. (2008). *Delinquência, crime e adaptação à prisão (3ª ed. revista)*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Keenan, K. & Shaw, D. (1997). Developmental and social influences on young girls' early problem behavior. *Psychological Bulletin*, 121, 95-113.
- Kramer, J. F. & Cameron, D. C. (1975). Tratamiento y prevención. In J. F. Kramer & D. C. Cameron (Eds.), *Manual sobre dependência de las drogas*. Ginebra: OMS.
- Lahey, B. & Waldman, I. (2004). Predisposição para problemas do comportamento na infância e adolescência: análise de um modelo desenvolvimentista. In A.C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e crime: da infância à idade adulta* (pp. 161-214). Coimbra: Almedina.
- Logan, T. K., Walker, R. & Leukfeld, C. G. (2001). Intimate partner and nonintimate violence history among drug-using, incarcerated men. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 45, 228-243.
- Lomba, L., Apostolo, J., Loureiro, H., Graveto, J., Silva, M. & Mendes, F. (2008). Consumos e comportamentos sexuais de risco na noite de Coimbra. *Toxicodependências*, 14(1), 31-41.
- Macfarlane, A., Cordeiro, M., Macfarlane, M., & Robson, P. (1997). *Os adolescentes e a droga: Factos e protagonistas*. Lisboa: Quatro Margens Editora.
- Matos, M. (2003). Violência conjugal. In C. Machado & R. A. Gonçalves (Coords.), *Violência e vítimas de crimes, vol. 1, Adultos* (pp. 81 – 130). Coimbra: Quarteto.
- Matos, M., Carvalhosa, S., Reis, C. & Dias, S. (2001). Os jovens portugueses e o álcool. Lisboa: FMH/PEPT/GPT.
- Melo, R. A. S. (2000). Metodologias de intervenção na prevenção primária da toxicodependência. *Toxicodependências*, 6 (1), 49-56.
- Mendes, F. (2000). Toxicodependência e prevenção familiar: Uma política para a Europa. *Toxicodependências*, 6 (3), 61-66.
- Mendes, V. & Lopes, P. (2007). Hábitos de consumo de álcool em adolescentes. *Toxicodependências*, 13(2), 25-40.
- Moffit, T. E., Caspi, A., Harrington, H., & Milne, B. J. (2001). *Sex differences in antisocial behavior*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mourão, M. V. & Torgal, J. (1999). *Observatório ao consumo de substâncias lícitas e ilícitas em estudantes do ensino superior em Portugal*. Lisboa: ISCSP/UTL, FCM/UNL.
- Mourão, M. V. & Torgal, J. (2001). *Observatório ao consumo de substâncias lícitas e ilícitas em estudantes do ensino superior em Portugal*. Lisboa: ISCSP/CISCOS/IDT.
- Negreiros, J. (1998). *Prevenção do abuso do álcool e drogas nos jovens*. Porto. Radicário.
- Negreiros, J. (1999). O futuro da prevenção das toxicodependências. *Toxicodependências*, 5 (3), 35-39.
- Negreiros, J. et al. (2001). *Prevalências e padrões de consumo problemático de drogas em Portugal. Relatório anual – a situação do país em matéria de drogas e toxicodependências*. Lisboa: IDT.
- Negreiros, J. (2001b). *Padrões e consequências do consumo de drogas em Matosinhos: Resultados na população estudantil e em consumidores problemáticos. Relatório final apresentado à Câmara Municipal de Matosinhos*.
- Rutter, M. et al. (2004). Sex differences in developmental reading disability. *The Journal of American Medical Association*, 291 (16), 2007-2012.
- Silva, M. (2005). *Olhar o consumo de álcool dos jovens num contexto de educação para a saúde*. Dissertação de Mestrado não publicada. Braga: Instituto de Educação e Psicologia.
- Tremblay, R. E., Boulerice, B., Harden, P. W., McDuff, P., Peruse, D., Pihl, R. O., & Zoccolillo, M. (1996). Do children in Canada become more aggressive as they approach adolescence? In M. Cappe & I. Fellegi (Eds.), *Growing up in Canada*. Ottawa: Statistics Canada.
- West, D. J. (1982). *Delinquency: its roots, careers and projects*. London: Heinemann.